

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

**TEBE**

Director honorário:  
**M. CAMPOS HENRIQUES**

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: *Campo 5 de Outubro. 39 - R/c*

Composto e Impresso na **Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS**

Editor: *João Baptista Cândido da Siloa*

Director e Administrador: **ANTÓNIO BAPTISTA**

Redactores: *Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Siloa*

## DIVAGANDO

**C**AMINHAMOS numa época de desvairamento social. Os homens, inspirados por Deus, deviam organizar a estrutura dos povos de molde a que o futuro não fosse persistentemente uma incógnita assustadora.

As experiências termo-nucleares vieram mostrar aos povos que a existência é, sem dúvida alguma, uma interrogação que se perde em todos os climas das mais diversas e variadas civilizações.

O mundo, portanto, vive na inquietação constante duma incerteza dominadora.

Já o grande Einstein tinha a sua filosofia do mundo e dos homens e aos homens do mundo fez uma advertência que devia ficar gravada em letras colossais, e para sempre, em todas as rotas do universo...

As bombas atómicas podem ser, se a loucura dos homens não for travada, o flagelo agónico de toda uma civilização de séculos.

O mesmo homem, o mesmo sábio, modesto na sua vida privada, simples na sua maneira de ser, era porém um expoente elevado no campo científico das físicas e das matemáticas.

Mas além de tudo o mais, nunca deixou de ser homem; mas um homem com a sensibilidade aferida aos mais trágicos problemas desta época. Era, a bem da verdade, um filósofo; mas um filósofo que se abria assim:

«O que cada um de nós é e significa, não é tanto como indivíduo que como membro duma grande comunidade humana...»

Comemos alimentos produzidos por outros homens, usamos vestuário fabricado por outros homens, habitamos casas que outros homens construíram. A maior parte daquilo que sabemos e em

que acreditamos foi-nos transmitido por outros homens por meio duma linguagem que outros criaram».

Eis, caríssimos leitores, as palavras grandes dum dos maiores homens deste século.

Mas se abrímos os livros dos grandes pensadores vemos que a filosofia de cada um se coaduna, se prende e consubstancia com o vulgar e, parece paradoxo, com o intangível. A vida é feita de pequenas coisas grandes. E nós, pobres mortais, que vivemos numa época apocalíptica de insustentáveis valores beligerantes, caminhamos, muitas vezes, de olhar triste, de lábios parados... como se adivinhássemos uma tragédia colectiva.

(CONTINUA NA PÁGINA SETE)



## Páginas de história dos melhores historiadores

**E**M 13 de Setembro do ano de 500 chegou Cabral a Kalikodu. Não ia, como Vasco da Gama

fora — como descobridor; ia como embaixador, à frente de uma poderosa armada, para não ser tomado por pirata, mas sim pelo emissário, que era, do nobre monarca português, portador das suas cartas e propostas de aliança para o rajá de Kalikodu.

Como tal foi efectivamente recebido, numa audiência solene. Os portugueses, vestindo as suas melhores roupas, as suas armas mais belas e polidas, pensavam impor de ricos ao monarca do Oriente; mas os representantes da pobre e forte Europa iam ficar deslumbrados com as magnificências da Índia opulenta. O Brilho das armaduras era ofuscado pelo rutilar da pedraria «cujas chamas impediam a vista». O rajá vinha em um palanque ou andor trazido aos ombros pelos nobres, recostado sobre almofadas de seda, entre colchas lavradas de fio de ouro caindo em pregas franjadas com borlas cravejadas de pedras preciosas, e panos de carbasso de linho finíssimo, cuja alvura sorria ao lado da vermelhidão sanguínea das sedas e brocados. Corria a compasso o andor coberto por um pálio de seda franjada de ouro, e dentro deste duplo sacrário via-se o rajá negro rutilante

## TALVEZ

SE O MUNDO QUE EU SONHEI FOSSE VENTURA,  
SE A VIDA QU'EU SENTI FOSSE CARINHO...  
TALVEZ QUE OS PASSOS MEUS NOUTRO CAMINHO  
MARCASSEM SÓ PÊGADAS DE CANDURA.

SE OS BEIJOS QUE EU SÓ DEI FOSSEM CARINHO,  
SE OS SONHOS QUE VIVI FOSSEM DE ALVURA,  
TALVEZ QUE A MINHA VOZ FOSSE TÃO PURA  
COMO TU! AVEZINHA... EM DOCE NINHO.

SE TUDO QUE SONHEI FOSSE VERDADE,  
SE TUDO QUE SENTI FOSSE DESEJO,  
TALVEZ QUE EU FOSSE APENAS A SAUDADE

A DAR-SE EM SOL AOS CÉUS TRANQUILAMENTE  
NUM CANTO QUE MORRESSE NUM SÓ BEIJO  
COLADO À CRUZ DE DEUS ETERNAMENTE.

(Inédito)

António Baptista

de pedras preciosas. Cegava olhá-lo. Ao lado do pátio iam pagens com leques de penas de pavão agitando o ar, e à beira do palanquim os que levavam as insígnias da soberania: a espada e adaga, o estoque de ouro, a flor de liz simbólica, o gomil de água, e finalmente a copa onde o rei cuspi o bétele, cujo mascar faz os dentes cor de rosa e dá "muito bom bafo". Em toda a volta e prolongando-se na cauda da procissão, charangas de músicos atroavam o ar com os seus tambores, com os tam-tans de prata e de ouro, suspensos por cordéis em bambus altos, com as trombetas enormes, umas rectas, outras curvas, levantadas para o ar, e que davam aos músicos o aspecto de elefantes com as trombas douradas, cujos pavilhões se viam cravejados de rubis e esmeraldas. Vinha uma grande trompa de ouro levada por dois homens a cavalo! Os músicos, negros, iam nus, com maninha nos braços e nas pernas, e à cinta um pano cobrindo as vergonhas. Nus iam os naires e mais tropas do rajá, esgrimindo aos saltos em pírricas singulares parecendo atacados de fúria com as suas armas variadas; alfanques curvos para os golpes de cutilada, espadas largas e ponteadas para as estocadas, es-

padas triangulares com o vértice nos copos e na ponta a base espalmada, arcos e molhos de frechas de bambu delgado, lanças com anéis tilitantes e guizos, correndo, saltando e gritando em brados: "CUCUYAI" como na hora das batidas. Mais ao largo, o povo mudo, numa impassibilidade de orientais, olhava.

A recepção ao embaixador fez-se no *çarame* (em português cerame) do rajá, à beira-mar, pavilhão de forma oitavada erguida sobre esteios, todo rendado de varandas e lavores, marchetado de marfim, chapeado de prata e ouro em folhas, com pináculos e coruchéus que se desenhavam levemente no fundo azul do céu — tão azul como o do mar onde fundeava a esquadra de Pedro Álvares Cabral. Na longa praia apinhavam-se as choças dos pescadores e galeotes e por entre elas a multidão negra, espantada. Para o interior avistava-se a cidade, com os palácios e jardins do rei, dos nobres e dos ricos, docemente abrigados contra o sol inclemente pela sombra dos palmares e dos bosques de árvores aromáticas. No meio de um turbilhão de gritos de guerra, de sons de trombetas, o cortejo encaminhou-se para o palácio do rajá.

(Continuaremos a transcrição no próximo número)

## Estudo para um conceito de poesia

(Continuação da página 8)

de críticas, levam as mãos à cabeça perante tantos livros, adaptam-lhes a lupa e concluem que nada há ali de novo para admirar. Mas outros críticos, os bem intencionados, começam a pensar doutro modo. É o público, a maior camada do público, dir-se-ia que se reconhece nesses livros e que sabe prever que é desta avalanche de obras aparentemente tão falhas de valores estéticos que se estão forjando, a pouco e pouco, imperceptivelmente, os alicerces duma nova estética".

## OS MENINOS DE SOQUETES

(Continuação da página 8)

risse de mim. Portanto é melhor não contar nada.

— És tolinho! Então não sabes que sou, com verdade, teu amigo certo?

— Olhe Toninho! Porque será que o menino tem tudo: brinquedos às dúzias, livros novos e variados, fatos lindos, soquetes Tebe, e eu, pobre de mim, tão pouco tenho. Porque será meu Deus! Por vezes sinto cá dentro uma tristeza, que não sei como explicar... É tão difícil de dizer. Eu não sei dizer, só sei sentir...

O Antoninho respondeu-lhe assim:

— Sabes Pedro! Meu pai trabalha muito e, por essa razão, ganha bastante dinheiro e como é meu amigo dá-me tudo que eu lhe peço.

Nesta altura o cenário altera-se completamente porque dos olhos de Pedro saltam lágrimas sentidas, que a vontade não conseguiu dominar.

— Que tens tu Pedro? O que disse eu para tu chorares?... Nada!

— Meu pai, coitado! Passa um dia todo entregue à sua faina honrada; mas dura, de carregar e descarregar comboios... Já meu avô, que Deus haja carregava e descarregava comboios. Meu pai, às vezes, exausto e triste diz assim:

— Eu não trabalho, esmagame. Eu não sou um homem, sou uma besta... Quando ele assim fala ficamos mudos e quietos e só minha mãe ousa dizer:

— Então homem! Enquanto Deus te der saúde e força agradece a Deus. E meu pai cala-se como se uma força vinda do céu o dominasse completamente. Meu pai é um bom.

Somos nós os elos duma roda que não pára e para a qual o meu pai dá todo o seu suor, o seu esforço... a sua vida. Se ele tivesse feito exame quando devia talvez que o destino lhe fosse mais próspero. Ele (meu pai) às vezes diz assim: Aprendei a ler, só eu sei a falta que sempre me fez... Por isso todos nós

## Presságio Maternal

O dia desponta, claro, risinho!... mais apetecido ainda, pela dura invernia que se tem feito sentir.

O Astro-Rei ainda não despontou.

Um matraquear de tamancos, vem juntar-se ao canto alegre dos passarinhos.

A neblina matinal, própria dos dias bonitos, não deixa distinguir mais que um vulto que se

estudamos muito para não ficarmos entregues à linha do comboio e ao peso dos fardos que este leva para as terras por onde passa.

A vida do meu pai, a sua persistência no trabalho, depende de nós, de mim e de minha irmã Margarida, aquela que trabalha na Tebe.

Eu quero ver, Antoninho, se consigo ir um pouco mais além de carregador.

Na altura desta conversa entra o Zé, o petiz mais inteligente e mais traquina da escola, que interrompe dizendo:

— Já viram como são lindos os meus soquetes?! Lindos e baratos, segundo disse minha irmã Maria, que trabalha na Tebe.

O Pedro, ébrio de alegria, exclamou em êxtase: — Se são baratos e tu os podes ter, também eu terei uns iguais, pois minha irmã não se esquece de mim.

No dia seguinte, os três meninos, irmãmente de soquetes calçados, num ambiente de alegria, davam largas aos seus sonhos futuros.

O Snr. Professor Mateus, bondoso e justo, riu-se francamente ao ver os três amigos; O Tónio, o Pedro e o Zé todos alegres e felizes por poderem usar igualmente os soquetes que ainda há bem pouco só alguns poderiam ter.

O Antoninho explicou as palavras, que na véspera ouvira ao seu pai, desta maneira:

— O meu pai, lá em casa, diz que os artigos Tebe são de facto lindíssimos, baratos e, portanto, acessíveis a toda a gente, pobre e rico. E disse que a Tebe veio resolver, em grande parte, o problema do desemprego que, sem ela, certamente se haveria de manifestar, e, ao mesmo tempo, contribuiu para um melhor nível de vida na classe trabalhadora, que bem merece o maior carinho e protecção.

— Bonitas palavras disseste meu rapaz — exclama o Snr. Professor.

— Disseste uma grande verdade: A Tebe é hoje, sem favor, um elo respeitável na economia local e marca uma posição de grande relevo na vida da nação.

— Podem ir embora!... E até amanhã se Deus quiser.

aproxima... Agora já deixa ver que é uma mulher.

Semblante carregado; enxada ao ombro, lá vai.

Porquê, que sendo a mulher criada, para nos amenizar a vida, esta vai triste?

Resposta dura, brutal, destemida, para uma interrogação que não tem o direito de existir.

É que a essa mesma hora, em sua casa, uma filhita de seis anos a substitui, na missão mais sublime, que deu Deus à mulher: a missão maternal.

Chegada ao trabalho, começa a trabalhar, na acepção mais material da palavra, maquinalmente, sem o sentido do que faz. De repente pára extática, larga a enxada e diante do espanto das companheiras, corre vertiginosamente em direcção a casa.

Que quadro belo, por trágico paradoxo!... O Sol começa a mostrar a sua melhor cara, por cima do Outeiro. O amarelo solar numa simbiose com as charmas que partem do pequeno carabre, formam um espectáculo invulgar e impressionante.

Mas tudo isto a mãe não viu... viu dois pequeninos seres, carne da sua carne, carbonizados naquela casa, pobre sim, mas que fôra sua.

Nada mais vê, cai desamparada no chão, completamente desacordada.

Volta a si, relanceia o olhar para coordenar ideias e por momentos é feliz. De repente, salta do leito esgazeada; chora, grita, procura saber notícias de algo que para ela é mais do que a vida... abre-se uma porta, para dar passagem a uma pequenita, olhar triste, humilhado, com o irmãozito ao colo, como que a pedir perdão!

Que bonito contraste se poderia fazer entre a vida desta mulher e das que trabalham na TEBE, se para isso nos chegasse «engenho e arte».

No entretanto, não queremos terminar, sem primeiro levar ao conhecimento do leitor, as regalias que nesta modelar Empresa, usufruem todas as mães.

Uma moderna creche-lactário, com assistência médica diária, onde as crianças crescem até aos dois anos, rodeadas de todos os carinhos, por parte do pessoal zeloso e competente, além de 15 minutos de manhã e de tarde, para as mães estarem com os filhos.

Poderíamos levar a nossa elucidação mais longe, porém o interesse de não sermos maçoadores faz-nos terminar.

Porém não podemos terminar, sem que primeiro a nossa gratidão não nos leve, a dizer, à Gerência da maior Fábrica de malhas do País, aquela simples mas portuguesíssima frase: — MUITO OBRIGADO.

PENSADOR (Concurso)

## Praias, banhos de mar e de sol...

VAMOS entrar na quadra das "mudanças de ares", hábito velho e bemfazejo, seguido por muitos daqueles que dispõem de recursos e que pretendem distrair-se, descansar das labutas de todo o ano, reforçar uma saúde duvidosa ou mesmo recuperar uma saúde perdida.

Há também quem vá para ares por outros motivos, que não vêm para o caso...

Mas acresce pôr esta questão antes de mais nada:— Já se lembrou de perguntar ao médico se lhe convém ir para a praia?

Fizemos esta observação à laia de pergunta indiscreta, porque as praias, com os banhos de mar, atraem multidões consideráveis de veraneantes que, sem interferência do médico, ali se vão entregar a excessos contraproducentes. A moda, a ignorância, a ânsia de fazer vista, um pouco de espírito desportivo e mais raramente, a necessidade de robustecer o corpo levam muita gente a dispaúterios que precisam de ser combatidos.

Nunca é demais falar dos perigos e cuidados a ter com os banhos de mar e de sol, muito embora seja assunto já tratado por muitos e observado por diversos periódicos em artigos especiais.

Em primeiro lugar, o clima da beira-mar, mesmo sem banhos, não convém a toda a gente: há magros, nervosos, tuberculosos pulmonares, embora ligeiros ou em vias de cura, reumatizados, etc., aos quais o clima marítimo está contra indicado. Se são adultos e para ali vão por sua vontade, é lamentável, mas a asneira e as consequências correm por conta própria. Tratando-se, porém, de crianças, o caso é bem diverso e a responsabilidade dos prejuízos sofridos, com umas férias à beira-mar terá de ser imputada aos respectivos pais.

De um modo geral, toda a criança que for levada para a beira-mar e não durma mais, não se alimente melhor e não aumente sensivelmente de peso, deve ser retirada para o campo ou para a serra.

Quanto aos banhos, deveremos lembrar que os mergulhos e a permanência de uma pessoa, mesmo nova, dentro da água do mar, representam um choque violento, não só resultante da imersão, contacto com o meio líquido e correspondente pressão sobre o corpo, mas, sobretudo da grande diferença das temperaturas e do poder de subtração do calor próprio da água. O rápido resfriamento da pele dá origem a uma forte sensação de frio, e "empalidece" porque todas as suas veias, capilares e artérias encolhem, reduzindo notavelmente a circulação superfi-

cial fazendo afluir o sangue aos órgãos centrais.

Este choque inicial pode, a algumas pessoas mais sensíveis ou com pressão arterial elevada, irritabilidade neuro-vegetativa, etc., causar verdadeira aflição e em alguns casos, causar a morte.

Não possuímos à mão estatísticas, mas sabemos ser de alguns centos o número de mortes súbitas, em pleno banho de mar, ocorridas em pessoas aparentemente saudáveis. Temos ainda de considerar, além das perturbações acima mencionadas, que em alguns dos casos fatais se devem a uma digestão estomacal ainda incompleta.

O choque, violento demais para os indivíduos em tais circunstâncias, não dá tempo a que os órgãos essenciais à vida e cujo funcionamento é regulado pelos tais nervos neuro-vegetativos, se adaptem àquelas condições momentâneas. E daí, a morte possível, felizmente rara.

Deve-se sempre, antes do banho de mar, molhar o corpo ou somente a cabeça e a nuca. A sensação inicial de frio de que acima falamos, constituindo a parte útil do banho, se for regulada com adequados movimentos respiratórios, deve ser completada à saída desse banho, por uma reacção de aquecimento cutâneo. É nessa ginástica cutânea, que faz actuar os nervos reguladores e adaptar os órgãos centrais, cooperando defensivamente na adaptação de todo o organismo às condições peculiares a que o banho o submete, que residem as vantagens do banho.

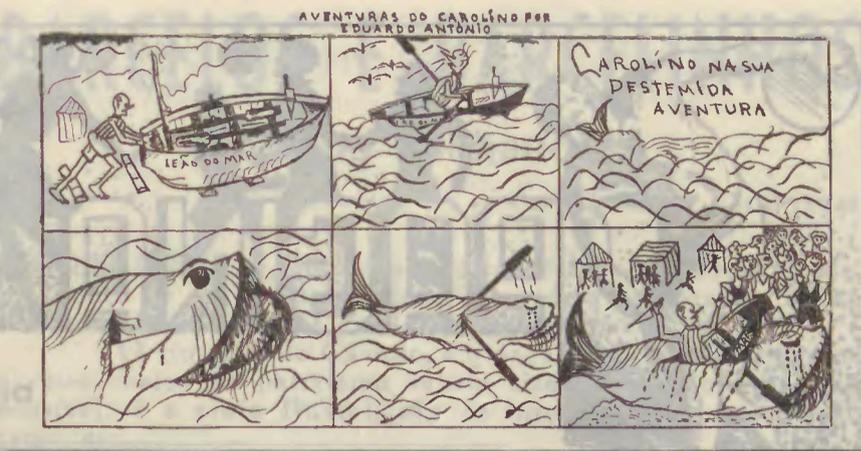
Mas nem toda a gente a pode praticar, nem mesmo serve para toda a gente. Terão de ser absolutamente excluídos os cardíacos, os pulmonares, os renais, os reumatizados, grande número dos neuro-vegetativos, dos nervosos e dos magros.

Em geral os gordos resistem mais tempo e beneficiam mais com o banho. O choque neles é menos intenso e o resfriamento profundo mais lento em produzir-se.

Lembre-mos das baleias e das focas, que sendo animais de sangue quente, aguentam a vida inteira dentro de água, às vezes quase gelada, isto porque debaixo da pele, possuem uma espessa camada de gordura que é um esplêndido isolador.

Outra moda muito em voga é a "tostadela" da pele, à força de banhos de sol, até que fique bem negra. É chique, dá à pessoa uns ares de que se trata bem e que é abastado. E então surge a pressa de se conseguir em poucos dias, um efeito de utilidade duvidosa que, obtido rapidamente, nenhum médico ousaria preconizar.

Os banhos de sol naturais ou artificiais, têm as suas indicações



## Palavras dum Grande Chefe

Palácio do Executivo  
Washington, 21 de Novembro de 1864  
Senhora Bixby, Boston, Mass.  
Estimada Senhora.

Vi no arquivo da Secretaria da Guerra uma comunicação do Ajudante General de Massachusetts em que este diz que a senhora é mãe de cinco filhos mortos gloriosamente no campo de batalha. Sinto quão fracas e vãs seriam as minhas palavras se eu tentasse atenuar a dor dum tão grande perda. Mas não posso deixar de oferecer-lhe a consolação que a senhora talvez encontre na gratidão da república por cuja salvação seus filhos morreram. Rogo a nosso Pai que mitigue a angústia da sua perda e lhe deixe apenas a carinhosa memória dos seres amados perdidos e o orgulho solene de haver oferecido sacrifício tão custoso sobre o altar da liberdade.

Seu muito sincero e respeitoso servidor,

A. LINCOLN.

terapêuticas que os fisioterapeutas muito bem conhecem e sabem dosear cautelosamente. A irradiação solar que chega até nós, é uma mistura de ondas diferentes em que predominam os *infra-vermelhos* (raio invisíveis para o olho humano), os *luminosos* (pouco activos) e, em pequena percentagem, os raios *ultra-violetas* (muito activos para o corpo humano). São estes que causam uma intensa vermelhidão da pele, após um banho de sol de algumas horas, efeito esse que ainda será mais rápido e mais intenso se o banho de sol for tomado no alto de uma serra. Por outro lado essa acção química e cáustica será quase nula se tiver de atravessar as vidraças de uma janela, porque as substâncias com que é fabricado o vidro retem os raios ultra-violetas, embora se deixem atravessar pelos raios calóricos e luminosos.

Os banhos de sol actuam como desinfectantes, como estimuladores da pele, das diversas funções, das defesas do organismo e ainda como fabricantes da vitamina "D" dentro do corpo. São muito úteis quando aplicados gradualmente, em especial nas crianças e nos jovens, despertando o apetite, aumentando as forças e o peso e diminuindo a excitação nervosa.

No entanto, o banho prolongado, com um sol muito ardente pode provocar vertigens, dores de cabeça, excitação, insónia e febre e, num grau muito mais grave, chegar a ocasionar síncope, convulsões ou congestões pelo efeito térmico da *inso-lação*.

Eis porque se deve ter "peso e medida" na utilização do Sol, em banhos terapêuticos e salutar.

A adaptação, bem conduzida deverá fazer-se em duas semanas, começando-se por um banho de 10 minutos, aproveitando um Sol não muito quente e aumentando-se gradualmente até atingir uma hora. As horas mais favoráveis, no Verão, claro, são as compreendidas entre as 10 e as 12 ou de tarde depois das 16.

A insistência desmedida, praticada em doses reforçadas e à hora do calor tórrido, é absolutamente condenável. O fenómeno do natural enegrecimento da pele, causado pela luz solar protege, depois, o corpo humano contra a penetração excessiva das radiações. Mas, para isso, é essencial procurar, com a devida regularidade, a pigmentação lenta da pele. Será, portanto, bom lembrar aos "furiosos" das praias que os povos tropicais—pretos, indianos, etc.—conseguem resistir à violação nociva dos seus arcanos corporais pelos raios solares por terem uma epiderme escura. E como uma pele escura, exposta ao sol, aquece mais que uma pele branca, somos levados a concluir que a penetração excessiva dos raios ultra-violetas deve ser ainda mais prejudicial ao corpo humano do que o seu aquecimento intenso. Note-se que a espécie humana é, por assim dizer, a única forma de vida animal desprovida de pelo, de penas, de escamas ou de carapaça. Por essa razão é compreensível que o homem fuja do sol, cobrindo-se com roupas e abrigo em casas.

Eis uma das provas da nocividade dos raios de sol: um indivíduo recém-chegado à praia e que, sem conta nem medida, se expõe à sua acção, vê que a pele do nariz, da face e do dorso se irrita, avermelha-se, provocando ardor incómodo, acabando por



## CICLISMO

Dissemos no último número que os nossos estradistas têm sido acompanhados pelo azar. Teremos hoje que infelizmente voltar a repetir, pelos factos sucedidos nas provas agora disputadas.

\*

Na terceira e última prova para o Campeonato Regional de Fundo, organizado pela Associação de Ciclismo do Norte, os nossos estradistas não foram felizes.

Joaquim Sá e Gomes da Cunha classificaram-se em 12.º e 14.º lugares respectivamente, contando o mesmo tempo do vencedor, que foi Onofre Tavares do F. C. do Porto.

Leal Pinto voltou a ser o Rei do azar. Numa descida perigosa próximo de Vila Verde, Leal Pinto foi embater com um automóvel que se lhe deparou de frente. O nosso corredor teve que ser conduzido ao Hospital de Braga onde foi socorrido pelo que teve de abandonar a prova.

Gomes da Cunha tentou fugir ao pelotão tendo-o conseguido perto de Barcelos. Quando passou em Viana já a sua vantagem passava de 3 minutos, mas as suas intenções foram sem resultado por falta de entre-ajuda, tendo que ceder ao pelotão que o perseguia.

Joaquim Sá também várias vezes tentou fugir, mas não conseguiu.

\*

A Tebe não pôde participar nas provas do Campeonato Regional de Clubes, as quais eram disputadas por equipas de três corredores, em consequência do desastre sofrido por Leal Pinto.

\*

A fim de reforçar a sua equipa de ciclismo, a Tebe pediu a transferência de alguns estradis-

cair com retalhos e chegando até, a ulcerar-se.

Este é o efeito sinapizante dos raios de Sol. Os exageros sempre têm os seus riscos...

Amigo da Natureza

## Calendário do Campeonato Regional

1.ª Volta	1.ª Jornada	2.ª Volta
- Sport Clube Vianense	- C. Desportivo da Tebe	-
- Vitória Sport Clube	- Académico B. Club	-
- Clube Desp. da Mabor	- Sporting C. de Braga	-
- Oquei C. de Barcelos	- T. O. Clube das Taipas	-
	<b>2.ª Jornada</b>	
- Sport Clube Vianense	- Vitória Sport Clube	-
- Académico B. Clube	- Clube Desp. da Mabor	-
- Sporting C. de Braga	- Oquei C. de Barcelos	-
- T. O. Clube das Taipas	- Famalicense A. Clube	-
	<b>3.ª Jornada</b>	
- Clube Desp. da Mabor	- Sport Clube Vianense	-
- Vitória Sport Clube	- C. Desportivo da Tebe	-
- Oquei C. de Barcelos	- Académico B. Clube	-
- Famalicense A. Clube	- Sporting C. de Braga	-
	<b>4.ª Jornada</b>	
- Sport Clube Vianense	- Oquei C. de Barcelos	-
- C. Desportivo da Tebe	- Clube Desp. da Mabor	-
- Académico B. Clube	- Famalicense A. Clube	-
- Sporting C. de Braga	- T. O. Clube das Taipas	-
	<b>5.ª Jornada</b>	
- Famalicense A. Clube	- Sport Clube Vianense	-
- Oquei C. de Barcelos	- C. Desportivo da Tebe	-
- Clube Desp. da Mabor	- Vitória Sport Clube	-
- T. O. Clube das Taipas	- Académico B. Clube	-
	<b>6.ª Jornada</b>	
- Sport Clube Vianense	- T. O. Clube das Taipas	-
- C. Desportivo da Tebe	- Famalicense A. Clube	-
- Vitória Sport Clube	- Oquei C. de Barcelos	-
- Académico B. Clube	- Sporting C. de Braga	-
	<b>7.ª Jornada</b>	
- Sporting C. de Braga	- Sport Clube Vianense	-
- T. O. Clube das Taipas	- C. Desportivo da Tebe	-
- Famalicense A. Clube	- Vitória Sport Clube	-
- Oquei C. de Barcelos	- Clube Desp. da Mabor	-
	<b>8.ª Jornada</b>	
- Sport Clube Vianense	- Académico B. Clube	-
- C. Desportivo da Tebe	- Sporting C. de Braga	-
- Vitória Sport Clube	- T. O. Clube das Taipas	-
- Clube Desp. da Mabor	- Famalicense A. Clube	-
	<b>9.ª Jornada</b>	
- C. Desportivo da Tebe	- Académico B. Clube	-
- Sporting C. de Braga	- Vitória Sport Clube	-
- T. O. Clube das Taipas	- Clube Desp. da Mabor	-
- Famalicense A. Clube	- Oquei C. de Barcelos	-

tas que em breve representarão o nosso clube.

\*

Para que a representação do Clube da Tebe na volta a Portugal seja digna de valor, a Tebe está a entrar em negociações com alguns dos melhores valores es-

trangeiros em bicicleta, o que se espera chegar a bom termo.

Para isto o clube e a digníssima gerência da Empresa não se têm poupado a esforços, mas espera-se mais ainda para que o nome Tebe seja bem representado.

A. Faria

## FUTEBOL

### Taça «Emídio Teixeira de Carvalho»

Esta Taça que vinha sendo disputada entre clubes nortenhos que fizeram parte da II Divisão do Nacional, chegou ao seu termo.

Mercê de uma feliz e orientada carreira o Gil Vicente foi brilhantemente o vencedor deste valioso troféu.

Até à ante-penúltima jornada, o grupo Barcelense que, sempre à cabeça da classificação contava por vitórias todos os jogos realizados, teve um precalço ao empatar com o Salgueiros no campo deste. Contudo os gilstas não saíram diminuídos do terreno e a sua posição foi mantida, continuando isoladamente na vanguarda.

Justamente lhe pertenceu o triunfo pelas suas boas exhibições, quer elas fossem no seu próprio terreno, quer mesmo no campo do adversário, onde realizou verdadeiras proezas...

Depois do seu bom comportamento na Taça de Portugal — a que já fizemos referência —, o Gil Vicente confirmou mais uma vez a boa preparação do seu conjunto.

«Boletim Social da Tebe» envia à Direcção e atletas do Gil Vicente os seus parabéns pelo bom êxito e faz votos para que continuem a colher muitos e valiosos louros para Bem do Desporto e da Cidade de Barcelos.

A. Faria

## Noticiário

O Clube Desportivo de Mabor abandonou a modalidade que oficialmente não chegou a praticar.

Penalizou-nos o facto pois era mais um clube oquista no Minho, e ainda mais pela afinidade que tinha com o nosso clube pois nasceu também no seio duma fábrica.

\*

Os jogos já disputados do Campeonato Regional em que

# «RUMOS» E A CRÍTICA BARCELOS E BARCELINHOS

A «Gazeta Literária» órgão da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto pronunciou-se assim:

«Rumos» suportará a indiferença de alguns homens, mas tem a certeza — e isso nos basta — que será lido e compreendido por todos os que sofrem, por todos os que lutam e ainda por aqueles que, tombados por lapidações contingentes da crítica dos homens, aguardam ansiosos que seus irmãos ergam, no escuro das almas, um canto novo e oportuno, semelhante a belezas intocadas...» escreve o autor no antelóquio que precede os seus versos. Poeta dos humildes. António Baptista sente as dores humanas, canta as angústias dos oprimidos, dos fracos, dos deserdados.

Poeta social, alguns dos seus versos são gritos de revolta, sentem-se latejar neles expressões duma alma compreensiva onde vivem os anseios, as lamentações, as dores abafadas.

BALMACEDA

A «Gazeta do Sul» focou, em síntese, o livro «Rumos», da seguinte forma:

«Tal como o autor afirma no prólogo, o seu livro é o resultado duma experiência e a mensagem dum homem que luta, trabalhando, sentindo, sofrendo, mas crendo, ainda, numa vida melhor. E dedica aos seus familiares, aos seus companheiros de luta, a todos os que lutam, sofrem, são esma-

tomou parte o nosso Clube foram contra o Vianense que finalizou com o resultado de 5-3 desfavorável à Tebe e em Guimarães com o Vitória que saiu vencedor por 7-5.

De salientar o óptimo comportamento da nossa equipa pois que ambos são adversários de valor.

No próximo número publicaremos uma resenha de todos os jogos que se tiverem realizado durante o mês numa nova secção desta página.

O Oquei Clube de Barcelos atravessa uma crise directiva bastante grave. Parece que a solução para o problema é a nomeação duma comissão administrativa estando alguns sócios a trabalhar no sentido de conseguirem elementos para a mesma.

São nossos votos sinceros que o Oquei resolva o seu problema da melhor maneira pois não faz sentido que o Clube iniciador da modalidade em Barcelos desapareça.

Segundo as últimas informações colhidas parece que vamos finalmente ter balneários e iluminação no rinque.

Oxalá que o plano se realize pois não faz sentido que um rinque como o de Barcelos não tenha as condições necessárias para ser utilizado de noite.

gados e conseguem ainda caminhar de novo, a todos os homens, enfim, este seu livro de confissões e de esperanças, indicando-lhe os rumos da vida.

Gráficamente, o livro está bom e o estilo do autor é sóbrio, convincente».

«Século Ilustrado» na Secção Livros e Autores uma página de Guedes Amorim, traçou assim a crítica de «Rumos»:

«O homem deixa-se levar pela aventura e esta transmuda-se-lhe em poesia. António Baptista, nos dias da sua existência (ainda não muito longa, parece-nos) tem sido arrastado frequentes vezes pela aventura, mental ou espiritualmente, libertando-se, depois através dos seus poemas.

Quase sempre a poesia é, em verdade, libertação. Como o reconheçamos, uma vez mais, através do volume que apareceu sob o título «Rumos» e que António Baptista publicou! Sonhos ou experiências, ansiedades ou frustrações, caminhos para além, mas sem continuação, e janelas abertas para o futuro, portas fechadas sobre o passado mas no conjunto as frementes de ansiedade, na esperança de melhores dias. Sim, este poeta tem os pés na terra. Muitos dos clamores dos seus poemas encontrarão, por certo, ressonância na alma dos leitores. «Hoje como ontem — declara o próprio autor no exórdio — o homem cumpre a sua missão terrena, e o poeta, homem ainda desta hora em que a burguesia avança atropelando tudo e todos, tem de trilhar novos rumos, numa integridade de ideias mais amplas com ambientes artísticos novos, onde palpitem as razões de ser da vida, numa embriogénese telúricamente humana e sinceramente oportuna». Um programa? Não tanto, claro está. Mas, implicitamente, a declaração de quem, servindo a Poesia em novos temas e novos ritmos, sabe que nenhuma acção do homem, mesmo até quando artista, pode deixar de «servir» a Humanidade, e deve concorrer também, para a evolução estética e intelectual do homem, para o seu aperfeiçoamento moral, em suma, pois ao cabo, é por isso e para isso que ele passa pela Terra.

«Rumos»... António Baptista é genuíno poeta. No seu livro há a certeza de quem vai no rumo certo».

«Cronista», de 4/6/55 que não faz críticas literárias a livros, focou o livro «Rumos» com estas palavras:

O próprio autor destes poemas explica-se numa introdução dirigida aos que o lerem:

«Rumos» é a mensagem, não de um homem isolado na luta, mas de um homem que luta, trabalhando, sentindo, sofrendo e crendo, ainda, numa vida melhor. Estas palavras estão, em síntese, num dos seus versos:

O Poema somos nós... e só nós o futuro».

## Para a Bélgica

Partiram para a Bélgica, em viagem de estudo, onde visitarão a grande Exposição de Maquinaria e Acessórios Têxteis de Bruxelas, os Ex.<sup>mos</sup> Senhores João Duarte Veloso, Mário Campos Henriques e Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, digníssimos industriais.

Estes ilustres Snrs. aproveitarão o ensejo de observar o incremento têxtil nalgumas nações da Europa, que visitarão também.

«Boletim Social da Tebe» deseja-lhes uma viagem repleta do maior êxito.

## eternos sonhadores

Por Celso Cunha

BARCELINHOS, rincão simpático, é bem um infante que, louco de sonhos desmedidos, se perde a namorar as águas cristalinas do seu Cávado de sonho e poesia.

O rio, o lindo Cávado, é o orgulho dos Barcelinenses, e estes cheios de bairrismo sabem tirar dele todo o partido possível: é a praia fluvial, são os concursos de natação, de remo, etc...

O Cávado é para Barcelinhos a fita prateada que o precede, que o enlaça, num afecto que já vem de muito longe.

No verão, um sem número de barracas multicores, emprestam à areia uma beleza gritante que se mistura com a música mais sonora ainda dos alto-falantes.

Aqui e acolá, raparigas frescas, batem a roupa nos lava-douros, numa epopeia de sinfonia, que a espuma branca vai misturando e levando para a foz.

(Continua no próximo número)

## Páginas de um diário fantástico

Por RACHEL BASTOS

ESTRANHAS angústias da minha alma, perturbantes vibrações do meu corpo, como vos hei-de exprimir? Essência de indefinido desejo, ficarás eternamente pairando no Espaço, ignorante de ti mesma, porque uns lábios humanos não souberam as palavras que te dariam corpo. Mas não importa! o novelo invisível da minha alma desenrolar-se-á sobre todas as coisas da Terra, como um rolo de fumo que a brisa vai sorvendo. Quando o último fio se desagregar do meu corpo, estarei em tudo. Tu, meu Amor! deixarás de me ver, mas dentro de ti viverei nessas angústias e nas estranhas vibrações que as palavras não souberam nomear. A vida continuará com as noites de luar, com os dias de sol, com as serras, com os mares, com os ramos verdes das árvores, com o perfume da terra; e eu estarei contigo, estarei sempre, porque a minha alma se desenrolou sobre todas as coisas, e viverá na brisa que a sorveu.

Cheguei ao fim do meu caminho. Vejo longas fitas de luz que não sei onde me conduzem. Como cheguei até aqui? Lancei um rápido olhar ao Mundo e, despegada da sua carne, passei sem compreender a razão que me impelia. Agora o meu corpo perdeu-se no chão que pisei, e eu, eu que me sinto e não me vejo, estou na essência da Terra, e a minha voz fala nos grandes silêncios do Mundo.

Aqueles que souberem escutar quando os outros não ouvem, aperceber-se-ão da minha voz embargada pelos soluços da mágoa de não ter sabido existir; de não ter agarrado com as mãos ambas esta vida misteriosamente bela do meu corpo em movimento; de não ter beijado a carne do Mundo; de não ter

atingido os horizontes que a minha alma buscava.

Hoje não quero pensar. Vou atirar-me sobre a minha vida e sorvê-la toda, sem respirar. Para quê, saboreá-la gota a gota, se assim não mato a sede que me devora? Enterro-me dentro de mim, revolvo a minha carne, engulo o meu sangue, destruo-me toda, e vivo! Sempre eu, em mim, fora de mim, em tudo. Não estarei também nos outros, nas pessoas que se movem à minha volta, e que só têm existência para mim porque eu vivo, e sinto, e vejo?

Loucura do Mundo, mistérios do Além, porque aterrais os meus olhos e a minha alma sedenta de vida?

O meu olhar tão longo cega na distância, e os braços que estendo sobre a Terra voltam a mim desolados de não encontrar. Nesta busca incessante, a vida, intacta, alegre e misteriosa, vai-se despedindo impiedosamente do meu corpo. «Tenho saudades de mim» — murmuram os meus lábios. E é como se me despedisse de alguém muito amado a quem não tornasse a ver.

Mas eu serei sempre eu. No entanto, as despedidas aterram-me. Eternidade será uma palavra criada pelos homens somente para seu consolo? Vou aconchegar a vida dentro de mim. Tenho medo.

A mulher nasceu para ser mãe, e tudo nela, até a inteligência, a subordina a essa função e está sujeita às suas contingências.

Júlio Dantas

Este número foi visado pela Comissão de Censura

## Ansiiedade dum sonhador

AQUELA noite estava chuvosa. Um vento forte, que tinha assobios humanos à mistura com gritos de raiva e dor sacudia com violência as árvores fazendo-as chocar. Os candeeiros, meio apagados, projectavam uma claridade fraca, que morria a pouca distância, confundida com as sombras do casario. As ruas, encharcadas de água que corria para os boeiros, reflectiam, à claridade baça da luz; os carros que passavam apressados.

Tudo deserto! Apenas um polícia girava embrulhado na sua capa, vagaroso e taciturno. No café, onde se jogavam as damas e o bilhar, e se discutiam "futebois", que é como quem diz, mil e uma coisas banais, tinham-se abrigado muitos indivíduos que tinham sido surpreendidos pelo temporal quando procuravam o aconchego dos seus lares.

Limpei com a mão o vidro embaciado da porta fechada do café para me certificar se tinha parado de chover. Só então reparei que um rapaz magro, de grande estatura, vestindo uma gabardine que trazia, de gola levantada, passeava no jardim, parecendo indiferente à chuva e ao vento.

Por muito tempo observei o deambular abstracto daquele inigmático personagem, que, embora pareça estranho, passou a interessar-me.

Seu passeio limitava-se a uns quarenta metros do jardim que percorria repetidas vezes, calcando, compassadamente, as pedras reluzentes, que fitava com olhar sonhador e triste, parecendo curvado ao peso duma tristeza profunda e atroz.

Aproximei-me, com curiosidade, do sujeito e à luz mortiça do candeeiro, ao pé da qual passava na ocasião, pude observá-lo o rosto pálido e magro, de olhar sem vida em olhos sobrenaturais, que algumas madeixas de cabelos despenteados pela chuva procuravam beijar.

Conhecia-o, embora nunca lhe tivesse falado.

Encontrava-o muitas vezes no cinema, no café, na rua. Andava quase sempre só; sonhando...

Mas nunca o tinha visto tão abstracto.

Parou, maquinalmente, perto de mim sem o ver, para acender um cigarro que entalara entre os lábios carnudos. Riscou, nervoso, um fósforo, que o vento apagou, acendeu outro, outro e outro sem conseguir manter nenhum aceso o tempo necessário para prender o fogo ao cigarro já molhado.

Acerquei-me e ofereci-lhe lume do meu cigarro.

Encarou-me com estranheza como se não tivesse compreendido, acabando por aceitar o

que lhe oferecia. Depois de aceso o cigarro, fiz-lhe notar que estava encharcado até aos ossos, pedindo-lhe que me seguisse ate ao café, que ficava de frente.

Seguiu-me, abstracto e mudo. Nas caras que nos observavam havia risos de troça e de compaixão quando viram que das nossas roupas escorriam para o soalho grossos fios de água. Ficamos absolutamente indiferentes.

Depois de nos sentarmos, encarou-me a sério, e perguntou: porque se interessou por mim? — Ora, respondi: porque me pareceu que sofria. Porque adivinhei em si uma paixão que lhe roi a alma. E para isso, não era preciso que eu sofresse do mesmo mal. Via-se logo a luta que se travava dentro do peito.

— Vi na sua expressão triste um sorriso que se não chegou a alongar e uma admiração... Talvez aquele ser há muito ansiasse encontrar uma pessoa que o pudesse compreender, e hoje, por obra do acaso, essa pessoa, que sou eu, surge-lhe como uma visão, e ele, como que sonhando, confessa sinceramente:

— Sim, sofro dum amor sem esperança. Dum amor que noite e dia me tortura.

— Compreendo-o, meu caro. Vejo reflectido em si o meu mal como vejo a minha imagem na superfície dum espelho, lhe disse; mas olhe que não vale a pena sofrer assim por uma mulher. Qual delas será capaz de nos compreender e amar com tão profundo amor?...

— Sim, compreendo; talvez tenha razão. Mas eu só posso ser

## Lágrima

FUI ONDA, ROLEI NOS MARES;  
FUI NÉVOA, POISEI NOS MONTES;  
FUI NUVEM, BAILEI NOS ARES;  
FUI CHUVA, CANTEI NAS FONTES.

FUI SEIVA, FLORI NA PLANTA;  
FUI SANGUE, NUTRI A VIDA;  
FUI ALMA, E HOJE, — ÁGUA SANTA!  
SOU UMA LÁGRIMA ARDIDA!

Manuel Augusto do Amaral

feliz amando, embora esta felicidade tenha um travor amargo que provoca lágrimas. Sempre me dá uma razão para viver porque é o sonho da minha vida.

É fatal, bem sei; mas os seus olhos límpidos e eternamente ingénuos, os seus lábios sensuais e tão perfeitos como se traçados fossem por pincel de mestre, a sua fronte alta, o seu rosto comprido e rosado, o seu corpo bem modelado e gracil (verdadeira tentação demoníaca) prenderam-me logo que a vi. É que esta mulher corresponde inteiramente à criatura maravilhosa que idealizei e que o meu espirito desejou e, por isso, não me saíu mais do pensamento.

Vejo-a, quer de noite quer de dia, acordado ou a dormir.

Acordado, ocupa-me o pensamento de tal forma, que a vejo e sinto a todos os instantes; adormecido, povoa-me o sono de deliciosas visões, dando côr e alegria a esta vida dos meus sonhos.

Ainda há dias me visitou um sonho rodeado de formas odaliscas, de linhas ondulantes, corpos que sorriam enlevadas para o seu senhor. O seu senhor era

eu, mas nada me preocupava com elas. Preocupava-me com a sua rainha que aproximou dos meus os seus lábios, retirando-os seguidamente sem mos deixar beijar, num pensamento mau de me queimar de amor e de desejo.

É cruel, não resta dúvida, mas é ao mesmo tempo delicioso.

— E calou-se. Assim, ficamos durante algum tempo ouvindo o chocar monótono das bolas do bilhar e a linguagem contínua e confusa dos frequentadores do café.

Finalmente, cansados daquele ambiente ruidoso e viciado, saímos para a rua.

A chuva e o vento, que não cessara, fustigou-nos impiadosamente o rosto

De cérebro mais calmo e indiferente ao mau tempo, pisamos ainda por longo tempo as ruas luzentes de água.

Depois... separámo-nos. É óbvio que tenhamos de nos separar.

E num caloroso aperto de mão expressámos toda a nossa amizade nascente.

JOTAFERSIL  
Barcelos



# DIVAGANDO

(Continuação da página 1)

A arte, nos seus mais variados sectores, é filha também desta época em que o homem vive entre um pèssimismo que o flagela e uma incerteza que o domina. A falta de pudor intelectual e a falta de respeito pela arte leva o artista, por vezes, a mostrar, com pura verdade, quão falso e diverso é o mundo dos homens. A pintura modernista que Picasso criou nas suas assombrosas telas é bem actual, bem humana e, quantas vezes, desdenhada. A pintura de Picasso, aparentemente ridícula, é o reflexo constante da sua sensibilidade atormentada numa época da história em que os valores humanos e em que a vida dos povos e das civilizações têm de caminhar para uma evolução

superior ou sucumbir para a primitividade ancestral...

Igualmente também, a poesia, fonte geradora de sentimentos altos, que extravasam numa plenitude ilimitada, tem igualmente o seu cunho actual que é, tantas vezes, incompreendida e intolera.

E se alongarmos a nossa sensibilidade aos mais diversos rumos da escultura e da música notamos que também estas vivem no mundo actual perdendo-se, como as outras, na incredulidade de muitos homens insensíveis.

O homem caminha no delírio duma incerteza, e ergue-se, quantas vezes, aos cimos das miragens que só o sonho lhes mostrou.

Fala-se em guerra e em guerra se vive numa hipnose que nos cansa e amolece.

A guerra fria, forjada nas bigornas das chancelarias e discutida nas conferências que dia a dia avolumam, é, por enquanto, o ponto morto no equilíbrio de forças semelhantes... Felizmente que, no meio de tanta infelicidade, o equilíbrio do homem actual é mantido, mercê de expectativas constantes entre blocos que se vão guerreando à distância numa espécie de repetição histórica.

Para o equilíbrio do homem actual não é necessário uma causa de força; mas tão somente uma causa de justiça.

Não discutimos princípios nem nos alongamos numa tese; mas vamos escrevendo como sentimos, certos que alguns verão nestas hipóteses determinado apoio e algum refrigério para certas teses profundas cuja assimilação só poderia ser integral após longo e meditado estudo.

É também certo que nós, homens, somos por vezes duma insatisfação desmedida; mas essa insatisfação é inata, porque é humana... Logo, nós como insatisfeitos não poderemos jamais encontrar o caminho desejado?...

A esta pergunta tão positiva como actual responde, em comum, o bom senso.

Cada homem é um filósofo e como filósofo que é, deve preocupar-se também com os outros homens que formam este cenário imenso e que se chama humanidade.

Mas seja como for, devemos ter esperança e acreditar num mundo melhor onde a tolerância seja acolhida, onde a ingratidão seja apontada como um pecado horrendo, e onde a injustiça não possa praticar outra injustiça nova.

Mas tudo isto só será possível quando o amor dos homens for um elo imortal feito de educação e santidade.

A. B.

## PAINEL PUBLICITÁRIO

### Casa do Café

COM

FÁBRICA DE TORREFACÇÃO

Especialidade em  
CAFÉS, CEVADAS, CHÁS  
e todas as ESPECIARIAS.

O aroma do café da CASA DO CAFÉ  
tem perfume... abençoado café.

Preferi-lo é ter um paladar requintado...

Em BARCELOS na

Rua D. António Barroso, 61-63 — Telefone 8390

### A Pérola da Avenida

serve bem para servir sempre. O paladar e o bom gosto estão reunidos nesta casa de esmerado e requintado asseio. Almoços e jantares com pratos sempre regionais.

### Casa das Móbilias

Sempre móbilias...  
Sempre carpetes...

Sempre os últimos gritos da moda

### Sametil

Um medicamento  
ao serviço da pele...

Em liquido e em pó

Vende-se nas melhores farmácias

Seus sapatos duram mais...

Seus pés cansam menos...

Com calçado da

## CASA CUNHA

DE

### FÉLIX LUÍS DA CUNHA

Pois que levam as cinco letras mágicas:

- C** — confortável no interior
- E** — elegante nas suas linhas
- L** — leve como uma pluma
- S** — suave no andar
- O** — ótimo no preço

## João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas  
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS



## Estudo para um conceito de poesia

Por ANTÓNIO BAPTISTA

**F**ALA-SE a cada passo de poesia e, ultimamente, da *modernista*. Porém, em cada poema de cada poeta existe, como é intuitivo e lógico, uma força de ordem emotiva a marcar a própria personalidade artística do *vate*.

A poética, no sentido das suas próprias sugestões, simboliza-se em comunicabilidades, que a emancipam do vulgar e do banal. O *vulgar* e o *banal* a que nos referimos não é tão somente o banal e o vulgar a que, por força dos intuítos ou instintos primários se considera ou considerou no vocabulário especulativo do próprio símbolo... (Entenda-se, porém, o conceito poético tal como Orlando Loureiro Neves no-lo esclarece, (vide suplemento literário n.º 86 do «Jornal de Notícias»), que diz: «Ante a diversidade conceptual e excepcional da Poesia, diversidade que eu não considero de modo algum sinónimo de decadência, mas, pelo contrário, de elevação que não alcançou ainda a culminância final visto se encontrar no início da ascensão o espírito dos jovens, sobretudo daqueles que se interessam pelas causas da cultura, sofre duma espécie de indecisão que lhes não permite ver onde está a verdadeira poesia e o verdadeiro caminho que devem seguir».

Não! A poesia modernista (nos seus mais variados nomes) mal compreendida por muitos, desdenhada por tantos, impossível de assimilar por alguns, principalmente os detractores, é e será positivamente o feixe gerador de sentimentos expressivos ao longo do panorama da própria carne, do próprio sangue, da própria vida. Enfim... de eterno e do real...

A nova poesia, nos seus variados e múltiplos aspectos, encarna, no plano mais elevado dos sentimentos e das reflexões, a grandiosa ressonância do homem com todos os seus anseios, os seus complexos, as suas vitórias sonhadas e as suas derrotas vividas; as suas crenças e as suas dúvidas; as suas dores e as suas misérias; os seus amores e os seus desejos; as suas insuficiências e as suas esperanças dúcteis e originais.

Cada poeta, portanto, é um criador de belezas espontâneas e, estas, por vezes, podem precipitar-se entre o desejo e a posse, entre o amor e a tristeza, entre o mundo dos homens com Sol e pão com o dos outros que vivem nas trevas da miséria e do desespero.

Por esses sentimentos, irmanados na alma de cada poeta, o símbolo torna-se projecção real expressando a sua fixidez e a sua personalidade com sinceridade positiva e clara (até onde a mesma sinceridade se pode projectar) suas limitações e perplexidades, formando do seu próprio estilo a mobilidade do mundo fixada em diálogos, de tal modo humanos e actuais, que se prolonguem em atracções vivas, numa caminhada do homem para o homem, na percepção real e justa que

o relacione, com toda a sua alma sensível, com o mundo duma *Arte Viva*.

A poesia moderna não fixa nem limita o poder emocional do Poeta a escolas ou tendências estioladas; mas ultrapassa-as no espaço e no tempo em «concretizações estéticas» pela originalidade na procura do actual, tentando, mais e sempre, conduzir o homem ao seu justo lugar no imenso cenário do plano social.

Portanto, a nova poesia, actual e humana, vai encontrando, dia a dia, maior número de crentes (principalmente artistas) porque ela é, com verdade e justiça, a manifestação duma época que ainda não sabemos até onde irá a sua projecção civilizadora...

É por grande incompreensão de certos críticos que alguns livros de real e justo valor não receberam a justa aceitação e, infelizmente, são criticados pela mesma razão que alguns quadros de grandes artistas plásticos o são também.

Mário Dionísio, valor de primeiro plano, nos assuntos artísticos desta época, escreveu, assim, algures:

«Alguns críticos só habituados a um género de obras e só habituados a um género

(Continua na página 2)



O DESTERRADO

de Soares dos Reis, maravilha da escultura mundial é, em boa verdade, o símbolo plástico de toda uma série de trabalhos que o mestre deixou a Portugal e ao mundo.

(O desenho é da autoria do pintor Gonçalves Torres)

## OS MENINOS DE SOQUETES

Conto por UM TRABALHADOR INCÓGNITO

○ Antoninho era o menino mais alegre e mais feliz que andava na escola.

Os seus pais, abastados comerciantes de Barcelos, não lhe faltavam com mimos... Riquíssimos sapatos, lindíssimas peúgas, vistosos fatos e uma infinidade de camisolas. E que variadas eram elas.

O Pedro porém, filho de gente humilde, mas honrada, seguia de igual modo o mesmo rumo do Antoninho — a escola.

Mas o Pedro tinha pena, muita pena, de não poder sentir no seu corpinho delgado as mesmas camisolas, os mesmos fatos, as mesmas peúgas do Antoninho...

Grande contraste nestes dois meninos que seguiam o mesmo rumo, que tinham a mesma idade, que estudavam na mesma escola, que tinham certamente os mesmos sonhos e brincavam estouvadamente todos os dias na mais sã e sincera camaradagem.

O Pedro, de olhar doce e triste, perdia-se, tantas vezes, a olhar demoradamente, languidamente, os soquetes do Antoninho.

Falava consigo mesmo e dizia: Quem me dera ter uns soquetes iguais... e sonhava acordado, como se isso fora impossível!

Até que um dia o Antoninho, olhando-o demoradamente, percebeu que o seu amigo de todos os dias o olhava com certa admiração e respeito. Então, o Antoninho falou-lhe assim:

— Que tens tu, Pedro? Que andas por vezes tão esquecido de tudo, até mesmo do beto que tanto gostas de jogar?...

— Que hei-de eu ter Toninho! Nada! São coisas que se eu as contasse talvez se

(Continua na página 2)

## MARÉ

Ides na vaga ao vento bolinando,  
Remos largados em mar de sargaço.  
— Sou Frei Velho Cabral — e do regaço,  
Rosas bravas nas águas vou molhando.

Quer's mais espumas nas ondas caladas,  
Ai voga, voga, rude timoneiro.  
Ides na voga coração barqueiro?...  
Que é das vidas sereias encantadas,

Flutuando nas ondas enroladas?:  
— Tritão do mar em horas apagadas,  
Vou de mansinho à praia oscular.

No véu de espumas que a lua prateia,  
Debaixo do lençol rentinho à areia,  
Lá estão os olhos delas a espreitar.

José Galena